

A psicose do déspota em *O ocaso dos pirilampos*, de Adriano Mixinge

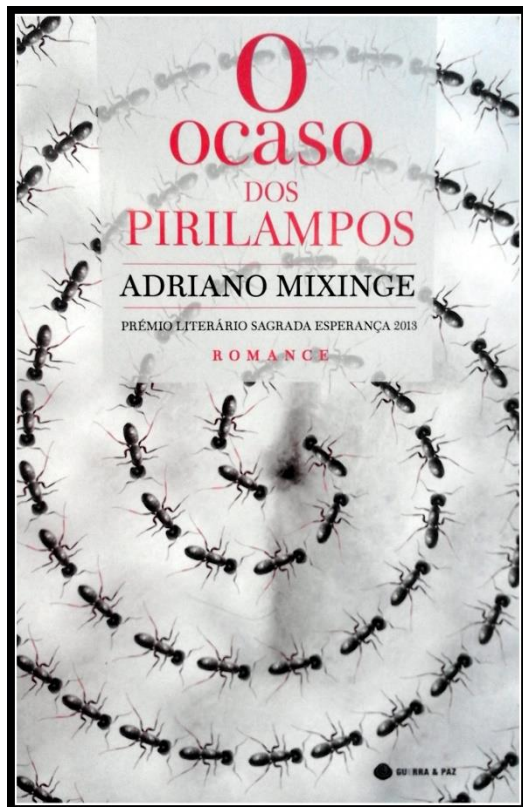
Ana T. Rocha

O ocaso dos pirilampos é o segundo romance de Adriano Mixinge, publicado em 2014 pela Guerra & Paz (Lisboa).

Num estilo que constitui um caso isolado na literatura angolana, Adriano Mixinge faz-nos visitar a mente de um tirano através de uma linguagem simbólica que sexualiza o prazer do abuso de poder: “essa comichão prazenteira que eu identifico com o meu poder”; “o sabor do meu poder é o sabor do meu falo”, (pp. 102; 125). O sujeito-narrador parece estar ao longo do romance em estado de delírio e excitação alucinante (admite o

consumo de cocaína, pág. 30); porem, paralelamente, vai formalizando o seu pensamento e explicando o *modus operandi* do exercício do seu poder e das construções que realiza.

O efeito perturbador ultrapassa a brutalidade da linguagem crua e do concretismo das imagens – cuja visualização convida à imaginação do leitor devido às referências a obras de artistas como António Ole e o seu “O animal ferido” ou as figuras que representavam a Inglaterra vitoriana de Yinka Shonibare (pp. 129; 124) – e ocorre, de igual modo, por outros dois motivos: 1) a descrição do inverosímil que se vai construindo e aceitando ao longo do romance como



verosímil numa manobra estilística que recorda José Saramago e a sua capacidade de tornar irrealidades em humanidades possíveis; 2) a compreensão de uma situação política e social que pode aludir à realidade do leitor, através desse mundo surreal do sujeito-narrador: “O que as classes médias e a burguesia nacional não sabiam é que esses desejos fúteis e bizarros que têm são por força e influência dos sons do meu batuque”, (p.78).

Além do falo, o batuque é, na obra, um símbolo do poder (“eu batuco, logo existo”, p. 66) pelo ritmo que movimenta os elementos da sociedade que comanda e da qual, na realidade, se encontra distante: “condenaram-me a viver afastado da cidade”, (p. 193). No romance, o sadismo do sujeito-narrador é justificado não só por um sentimento de vingança (“Quando o batuque chegou às minhas mãos, começou o meu pesadelo e eu jurei que seria o pesadelo de todos”, p. 192), mas também pelo recalcamento das suas próprias origens: “a desforra de um neto que ainda se ressentia das folhas de bananeira das suas origens”, (p.60). Tudo isto é confessado numa lógica demonstrada pelo sujeito que, embora parecendo senil, se revela consciente do mundo injusto que criou e de como o poderia inverter, gozando da “comichão prazenteira” de possuir, se não a vontade de fazê-lo, pelo menos, o comando que o permitiria: “O dia em que o som do batuque rimar com o som do estômago do povo haverá sociedades perfeitas”. (p. 50).

Revelando-se, primeiro de tudo, um grande leitor, Adriano Mixinge acaba por construir, até pelas referências a escritores e filósofos que faz, uma elaborada crítica ao poder e seu entorno.